

Leonel Fadigas

Waterfronts:  
Landscapes of Double Reading  
**Frentes de águas:  
paisagens de dupla leitura**



As frentes de água são, por definição, os espaços de contacto entre dois meios: terra e água. As praias e as margens dos rios são a expressão natural dessa relação que, nas situações urbanas, assumem várias formas e morfologias urbanas: conjuntos edificados, instalações portuárias, espaços de recreio e lazer.

Em todas estas situações a água representa o factor determinante da organização dos espaços naturais e construídos, da transformação e evolução da paisagem e o elemento unificador de duas coisas distintas mas tão próximas que se confundem: terra e água. Para além de recurso a água representa, neste quadro, material de construção arquitectónica, referência e elemento simbólico, componente cénico da paisagem e suporte de actividades económicas e de transportes. Nos ecossistemas urbanos de que fazem parte, representam a orla ecológica que, entre terra e mar, constitui um sistema de especial importância e interesse na criação e organização dos habitats humanos. Uma orla onde nasceram e se desenvolveram muitas das mais significativas expressões e manifestações culturais e económicas que marcaram o progresso da humanidade.

Quando as frentes de água assumiram a imagem, a morfologia e a funcionalidade de instalações portuárias, transformaram-se em áreas estratégicas de desenvolvimento urbano e espaços de troca económica, cultural e social e locais de encontro entre povos e culturas. Numa primeira fase permitindo, pela dimensão e organização, a transparência indispensável para que as relações entre as cidades e a água se fizessem de forma aberta e sem constrangimentos impostas pelas esta formas particular e própria de uso do território.

No final do século XIX, no entanto, em terrenos que foram, na maior parte dos casos, ganhos à água, em aterros sobre a água, surgiram os portos industriais, de grandes dimensões para pode-

Waterfronts are, by definition, areas of contact between two environments: land and water. Beaches and river borders are the natural expression of that relationship that, in urban situations, take various forms and urban morphologies: built quarters, port facilities, places of recreation and leisure.

In all these situations water is the determinant key of the organisation of natural and built spaces, of the landscape transformation and evolution and the unifying element of two different but so close things: land and water. More than a resource water represents, in this context, material of architectural construction, reference and symbolic element, scenic landscape component and support of economic and transport and maritime activities. In the urban ecosystem, waterfronts represent the ecological edge that, between land and sea, represents a system of special importance and interest in the creation and organisation of human habitats. A shore where many of the most significant expressions and cultural and economic events that marked the human progress have taken place

When waterfronts have assumed the image, the morphology and the function of port facilities, they turned themselves in strategic areas of urban development and areas of economic, cultural and social exchange as well as meeting points between peoples and cultures. Initially allowing, through size and organisation, the indispensable transparency for an open relationship between cities and water without the constraints imposed by this particular and specific use of the territory.

In the late nineteenth century, however, large industrial ports emerged from landfills on conquered water surfaces, to accommodate increasing traffic and ships of larger dimension and tonnage. With a large built area and long piers, they became a wall line replacing the medieval walls that were no longer there. Its growth and expansion limited or prevented direct access to the water shores, creating a closed system of urban relationship with the water surfaces. The organisation, mode of operation, infrastructure road and rail service of the industrial ports were, for more than a century, an alternative and conflictive reality face to the cities where they have grown. These new port territories and industrial areas, born from the water rather than connect to the existing urban fabrics, subjected to an independent and autonomous administration, have created their own identities, disconnected from the surrounding cities. For over a century, the divorce between cities and surrounding water areas grew and crystallised; with strong and evident consequences on their life, operation and future.

With this, the evolution of urban coastal cities, has suffered changes in the historical, cultural, social and landscape relations systems and in urban landscape and city image organisation and growth processes. The changes that over the past forty years occurred in port activities and in port facilities and shipping organisation and operation, have transformed many port installations in obsolete areas, creating new urban problems in terms of space, buildings, infrastructure and urban landscape degradation.

Veneza, Isola di San Giorgio  
 Venice, Isola di San Giorgio



rem acolher cada vez mais tráfego marítimo e navios de maior porte. Com uma grande área construída e extensos molhes, converteram-se numa linha de muralhas substituindo as muralhas medievais que entretanto já tinham desaparecido.

O seu crescimento e expansão limitou ou impediu o acesso directo às frentes de água, criando um sistema fechado de relação com a água. Os portos comerciais e industriais, pela sua organização, modo de funcionamento, infra-estruturas rodó e ferroviárias de serviço, constituíram, durante mais de um século, uma realidade urbana alternativa e conflitual com as cidades onde se instalaram. Estes novos territórios portuários e industriais nascidos da água, em vez de se ligarem aos tecidos urbanos existentes, constituíram-se em territórios com identidade própria mas desligada da cidade envolvente; ao mesmo tempo, ao estarem sujeitos a uma administração própria e autónoma, cristalizaram, ao longo de mais de um século, o divórcio entre as cidades e as superfícies de água até aí em contacto. Com reflexos concretos na sua vida, funcionamento e futuro.

A evolução urbana das cidades ribeirinhas sofreu com isso alterações no sistema de relações históricas, culturais, sociais e paisagísticas que explicam processos de organização e crescimento que ainda hoje marcam a paisagem urbana e a imagem das cidades.

Com as mudanças que, nos últimos quarenta anos, ocorreram nas actividades portuárias e nos modos de organização e funcionamento das instalações portuárias e nos transportes marítimos, muitas áreas portuárias tornaram-se obsoletas, criando, com isso, novos problemas urbanos ao nível da degradação dos espaços, das infra-estruturas e da paisagem urbana.

A saída das indústrias das áreas portuárias e das suas envolventes e a qualificação e modernização das actividades portuárias

libertou importantes áreas de frentes de água que, assim, se tornaram disponíveis para outros usos e funções urbanas. Para o recreio e o lazer, para a instalação de novas actividades económicas compatíveis com a qualificação urbana, para novas áreas residenciais e de serviços.

Deste modo, criaram-se as condições para a apropriação e a recuperação pelas cidades e os cidadãos de territórios que, através de novos conceitos urbanísticos de articulação entre a terra e a água, tornaram possível novos olhares e leituras sobre as superfícies de água e destas para as cidades.

O limite das cidades deixou de ser o porto e o seu complexo industrial e funcional mas a água na extensão da sua superfície líquida. Alargaram-se assim os limites urbanos na sua dimensão física, visual e cultural, dando sentido e expressão a novas formas de identificação e vivência dos espaços.

As cidades são mais que extensões de malhas urbanas edificadas; são suporte de actividades e realidades mutáveis cuja identidade e percepção só é possível no quadro mais vasto das paisagens que as mostram e caracterizam. A redescoberta da água como limite urbano no seu sentido preciso representa, deste modo, um reforço do carácter identitário das paisagens urbanas das cidades ribeirinhas. Retomando relações e formas de articulação e uso do território que contribuem para a qualificação das cidades como espaços de viver e de actividades económicas. Ao mesmo tempo os cidadãos descobrem-nos como estas novas áreas urbanas como espaços a conquistar para o ócio e para o negócio.

Com escalas e formas de inserção urbana muito diferenciadas, estes territórios reconquistados para religar as cidades e as superfícies de água propiciam também novos comportamentos e formas de uso dos espaços urbanos. A qualificação urbana que daqui decorre e que envolve programas de regeneração urbana

The relocation of industries from port areas and surroundings and the qualification and modernisation of port activities freed important waterfront areas that became available for other urban uses and functions. For recreation and leisure and new compatible economic activities with urban qualification and new residential areas.

Thus, conditions for cities and people ownership and regeneration of those areas were created, introducing new concepts of urban linkage between land and water, making new visions and waterfront readings possible and desirable.

The limit of cities no longer was the port and its industrial and functional complex but the water in front of them. What expanded the municipal boundaries in physical, visual and cultural terms, giving meaning and expression to new forms of space identification and living.

Cities are more than extensions of urban built fabrics; they supported shifting activities whose identity, reality and perception is only possible in the broad and diversified system of urban and cultural landscapes. The rediscovery of urban water as a limit on its precise meaning is now a strengthening of urban landscapes identity of coastal cities. It reshapes relations and ways of articulation and territory use that contribute to cities qualification as places of living and economic activities. While people discover these new urban spaces as spaces for living, leisure and business.

With very different scales and forms of urban integration, these conquered territories for linking cities and water areas also provide new behaviours and ways to use urban spaces. The following urban qualification that involves urban regeneration programs, where public space qualification is associated with economic and social regeneration and rejuvenation population programs, is a consequence of this movement towards a new intimate contact with water and the waterfront. A reality that, despite an apparent conflict with port functions continuity in coastal cities, can help to enhance the importance of their presence as a factor in boosting the transformation and evolution of waterfronts landscape. The case of cities such as Lisbon, where the organization of an event such as Expo '98 allowed the creation of a large stretch of strongly used territory in a urban degraded shore, where the urban and landscape capital revenue were very low or absent. The importance of port facilities continuity in coastal cities must be considered when discussing issues relating to ownership of obsolete or abandoned port territories and installations. The territorial reality that emerges from this changing process and from the functional relationship with waterfronts is that the urban areas today are more than land occupied with buildings, roads, gardens and public spaces. Mental territories extend physical cities size and contribute to new

understandings and proposals for urban organisation, ownership and space use. What strengthens the strategic and competitive dimension of cities as cultural and economic entities.

In this context spaces that become available for other uses than the traditional residential, economic and recreational functions get new meanings and value. Available spaces for leisure, dream, cultural and free time activities and evasion are also places of enjoyment and cultural production with which the new urban economies can be animated and expanded. Tourism and innovation activities built emerging economic activities in an unstable globalisation context that announces urban and social realities that must be considered in waterfronts urban regeneration processes.

The urban space qualification is as a factor of investment attraction and better paid jobs creation and so must be understood in waterfront interventions.

But shore areas and waterfronts, as contact areas between land and water, provide a dual relationship that can not be overlooked when dealing with the relations of cities with their aquatic borders.

onde à qualificação do espaço público se associam programas de revitalização económica e social e de rejuvenescimento demográfico, é uma consequência deste movimento urbano a caminho do contacto directo e íntimo com as superfícies de água. Uma realidade que, apesar de aparentemente conflitual com a continuidade das funções portuárias nas cidades ribeirinhas, pode contribuir para reforçar a importância da sua presença como factor de dinamização das transformações paisagísticas das frentes de água.

O caso de cidades, como Lisboa, onde a realização de um evento como a Expo '98 permitiu a criação de larga extensão de cidade num território ribeirinho, fortemente apropriado pela população da cidade, onde a era muito reduzida a rentabilidade do capital urbano e paisagístico.

A importância da continuidade das instalações portuárias nas cidades ribeirinhas não pode deixar de ser equacionada quando se debatem as questões relativas à apropriação dos territórios portuários obsoletos ou abandonados. A realidade territorial que emerge deste processo de mudança funcional e de relação com as frentes de água é de que os territórios urbanos não são hoje apenas as superfícies ocupadas por edifícios, vias, jardins e espaços públicos. Os territórios mentais que alargam a dimensão física das cidades contribuem para novos entendimentos e propostas urba-



Veneza  
Venice

Broken the siege imposed by the old industrial ports complexes matrix, that relationship becomes twofold: from land to water; from water to land. The rediscovery of cities viewed from the water represents an enhancement of landscape as a fundamental element of urban structure and constitutes a new factor in the process of understanding urban reality. Thus the relationship between cities and water becomes a relationship built and organised from successive approximations that waterways allow and encourage, repeating old and frequent forms of approximation to cities when navigation was the dominant travel system linking the cities in remote and near displacements.

Although the realities related to changing port territories stimulate the movement from land to water the reverse movement is increasingly important because the use of water has gained importance in urban living. Not only for fishing, mercantile and passengers transportation or for people commuting in metropolitan areas. Local or long distance pleasure navigation, tourism cruises and yachting bring new visitors to cities that from water have their first city

comprehensive landscape reading.

These first impressions format reading the landscape reading that, for many, are the real cities representation of cities and departure point for their knowledge and understanding.

When we look at cities such as Lisbon or Venice, this is very clear: commanding their relationship with water is a landscape where buildings and liquid areas appear in a natural continuity, as built in the same time, which gives them an identity and heritage value. Landscape reading becomes, in this new urban approach, a valuable tool for regeneration processes in waterfronts and reinforces the importance of port memories and presence and a useful part of the cities life. Even when conflicts happen and impose serious and reasonable discussions about the ways to keep modern port activities attractive for other uses. Waterfronts, in this case, are no more than a double faced urban entity through which we can pass without losing the sense of place, culture or identity. This is what explains their importance and interest as spaces of dual relationship between land and water and between water and land.

nísticas de organização, uso e apropriação do espaço. O que reforça a dimensão estratégica e competitiva das cidades como realidades culturais e económicas.

Ganham com isso significado os espaços que se tornam disponíveis para outros usos que ultrapassam as tradicionais funções residenciais, económicas, e de recreio. Os espaços disponíveis para o ócio, o sonho, o recreio e a evasão, são também espaços de usufruto e produção cultural com o que se animam as novas economias urbanas. Do turismo à criação e à inovação com que se constroem as economias do presente num quadro de globalização instável mas que anuncia realidades urbanas e sociais que não podem deixar de ser tidas em conta na abordagem urbanística das frentes de água.

A qualificação do espaço urbano passa assim a ser encarado também como um factor de atracção de investimento e de criação de emprego melhor remunerado.

Mas as frentes ribeirinhas, como espaços de contacto entre a terra e a água, permitem uma relação dupla que não pode ser esquecida quando tratamos das relações das cidades com as suas fronteiras líquidas. Rompido o cerco que lhe era imposto pela rígida armadura portuária e industrial de matriz antiga, a relação passa a ser dupla: da terra para a água; da água para terra.



A redescoberta das cidades a partir da água representa uma valorização da paisagem como elemento fundamental da estrutura urbana e constitui um factor novo no entendimento da realidade urbana. A relação da cidade com a água passa, deste modo, a ser uma relação que se constrói e organiza a partir de sucessivas aproximações que o percurso sobre a água permite e estimula; retomando formas antigas e frequentes de aproximação às cidades quando a navegação era o meio dominante de deslocação e de entrada e saída das cidades, em deslocações distantes ou próximas.

Muito embora as realidades ligadas aos territórios portuários em mudança estimulem o movimento de terra para a água o movimento inverso é crescentemente importante porque o uso da água tem vindo a ganhar importância na vivência urbana. Agora não apenas para a pesca, o transporte de mercadorias e passageiros e a comutação de pessoas nos percursos de vaivém das áreas metropolitanas. A navegação de recreio, local ou de longa distância, a navegação de turismo, dos iates aos cruzeiros, trazem às cidades novos visitantes que estabelecem com elas o primeiro contacto partir da água. Estas primeiras impressões formatam a leitura das paisagens que, para muitos, são a representação real das cidades e o ponto de partida para o seu conhecimento e compreensão.

Quando se olha para cidades como Lisboa ou Veneza, isso fica muito claro: o que sobressai da sua relação com a água é a existência de uma paisagem onde o edificado e as superfícies líquidas acontecem numa continuidade natural como se tivessem sido construídas ao mesmo tempo, o que lhes confere uma identidade e valor patrimonial.

As frentes de água, neste caso, não são mais do que uma entidade urbana de dupla face urbana através da qual podemos passar sem nunca perdendo o sentido do lugar, da cultura ou da identidade. A leitura da paisagem leitura torna-se, nesta nova abordagem urbana, uma ferramenta valiosa para os processos de regeneração em frentes de água e reforça a importância da presença e das memórias dos portos como partes úteis da vida das cidades. Mesmo quando acontecem conflitos que impõem sérias e razoáveis discussões sobre as formas modernas de manter as actividades portuárias em áreas apetecíveis para outros usos.

O que explica sua importância e o interesse como espaços de dupla relação entre a terra e a água e entre a água e a terra.

Angra do Heroísmo  
A cidade vista da água  
Angra do Heroísmo  
The city seen from the river

